

ENTREVISTA

Desafios, inovações e perspectivas para a agropecuária

Nesta entrevista, o engenheiro agrônomo, professor e escritor Xico Graziano compartilha suas perspectivas sobre os desafios e as oportunidades que a agropecuária enfrenta diante de um mercado cada vez mais exigente e um cenário climático complexo. Com vasta experiência em políticas públicas e consultoria no setor, Graziano discute temas como a sustentabilidade, o impacto das novas tecnologias e o papel da juventude na sucessão familiar nas propriedades rurais. Para ele, o sucesso da agropecuária depende não só de inovações tecnológicas e biológicas, mas também de uma mentalidade de empreendedorismo e da capacidade de adaptação dos produtores. Confira suas reflexões e percepções sobre o caminho que o setor deve trilhar para garantir um desenvolvimento próspero e sustentável.

1 – A continuidade da Agricultura Familiar é de fundamental importância social e econômica para o Espírito Santo e outros estados brasileiros. Como o senhor vê a preparação dos jovens para o futuro e o que pode ajudá-los a desenvolver iniciativa, experiência e habilidades na agropecuária, além de promover uma efetiva sucessão familiar?

O avanço tecnológico e a proximidade dos mercados urbanos garantem, ao contrário de antigamente, viabilidade e rentabilidade aos pequenos agricultores, desde que se tenha uma boa gestão de recursos na propriedade. Aqui é que está o x da questão: a capacidade do produtor de entender a



Xico Graziano

Engenheiro agrônomo, mestre em Economia Agrária e doutor em Administração, professor e escritor.

característica da demanda e saber produzir, com eficiência, o que os consumidores querem comprar. Ora, o mercado cada vez mais exige qualidade dos alimentos, quer origem garantida, boas práticas agrícolas, valoriza a produção local. Os jovens, mais que seus pais, entendem esse desafio do século 21, mas nem sempre desejam permanecer na área de atuação de seus pais. Esse é o dilema. Então, nós precisamos motivá-los. A sucessão passa por essa vontade de empreender, de prosperar no agro, e não mais ocorre por uma questão somente cultural ou por falta de alternativas. Quem quiser ganhar dinheiro no agro, qualquer que seja o tamanho da produção, se entrar no mundo da tecnologia e conquistar mercado, consegue vencer. Agricultura familiar tem que ser empresarial, senão reproduz a miséria.



2 – A sustentabilidade na produção agropecuária é um tema atual que exerce forte impacto na produção de alimentos, especialmente considerando a pressão do mercado consumidor no Brasil e no mundo, que anseia pela adoção de práticas sustentáveis. Na sua opinião, como o consumidor pode influenciar a produção agropecuária, os investimentos em tecnologia e inovação e até mesmo as políticas governamentais relacionadas?

O mercado, sim, pressiona segundo a cultura da sociedade e as percepções dos consumidores, crescentemente ligadas à qualidade, à rastreabilidade e à sustentabilidade. O problema recai inexoravelmente no lado da oferta, ou seja, no colo dos produtores rurais, que muitas vezes teimam contra a demanda e, espremidos, vendem com baixa margem seus produtos. Ou quebram. Não adianta brigar contra a gôndola do supermercado, pois é ela que decide a tendência do consumo alimentar, influenciado, é óbvio, por fatores comportamentais, incluindo ideologias e política. Existe, claro, e isso tem que ser destacado no caso da produção familiar, a possibilidade de se fazer o marketing do produto agropecuário, valorizando sua originação, certificando-o, abrindo canais de venda diretos, pela rede, como muitos fazem, trabalhando com nichos de mercado. Mas, cuidado: eles são restritos!

3 – A pecuária é uma atividade com elevada importância econômica para o agronegócio. No entanto, observa-se uma alta taxa de lotação animal e manejo inadequado das áreas de pastagem, muitas vezes degradadas, o que impacta negativamente o meio ambiente. Como o senhor considera a situação atual e quais tendências futuras devem ser abordadas pelas instituições de pesquisa e extensão rural?

Eu entendo que acabou, pelo menos deveria, a fase paternalista de nossas instituições de pesquisa e extensão rural. Em face à democratização do conhecimento, possibilitado pelo mundo digital, e às mudanças no agro trazidas pela urbanização, nossa função agora é diferente, ligada ao empreendedorismo rural. Nós precisamos ajudar quem quer progredir, quem é proativo, e não teimar em mudar a vida de pessoas acomodadas, que se sentem bem, em sua situação, mesmo que de pobreza, na roça. Pobreza rural exige políticas assistencialistas, e nós somos profissionais da produção, da geração de valor. Temos que saber distinguir as nossas funções,

e não politizar a ciência agrária. A busca de rentabilidade no agro depende de avanço tecnológico, dos requisitos da sustentabilidade, da qualidade e diferenciação da produção. Nós temos que ser agentes da prosperidade econômica no campo.

4 – As tecnologias digitais, incluindo automação e inteligência artificial (IA), estão sendo cada vez mais utilizadas no processo produtivo e na comunicação agropecuária. Como podemos aprimorar o uso dessas tecnologias digitais, e qual é a sua visão de futuro para a pesquisa e a assistência técnica e extensão rural (Ater)?

Nosso problema é como aprimorar o funcionamento da Ater, porque as tecnologias digitais e a IA estão revolucionando tudo no agro, na economia e na sociedade. Eu não sei direito o que vai acontecer, mas tenho somente uma certeza: continuar fazendo aquilo que fazíamos no passado não vai levar a nenhum lugar. Digo aos meus colegas agrônomos: cuidado, nossa profissão vai mudar completamente, livrando-a das tarefas corriqueiras que nos ocupam no campo. Mas a visão holística, em contraposição, será valorizada. Estar atento a essas transformações da profissão é fundamental.

5 – Na sua avaliação, qual tem sido o papel das tecnologias biológicas na transformação da agropecuária brasileira?

Minha experiência e meu conhecimento acumulado me levam a pensar que o agro brasileiro recebeu uma chance de ouro para o seu desenvolvimento com a chegada da era do baixo carbono e com a geração de um modelo tropicalizado de produção agropecuária. Nossa capacidade fotossintética está virando nossa maior vantagem. Só que, em contraposição, a produção em sistemas quase contínuos traz maiores dificuldades no controle fitossanitário. A conservação do solo também anda desafiadora. Nesse sentido, as tecnologias biológicas começaram a ter vez, podendo-se prever uma revolução que tenho chamado de neobiológica, que nos levará à agropecuária regenerativa. Quer dizer: estamos conseguindo realizar uma síntese entre o paradigma químico e o paradigma orgânico, que sempre se opuseram na agronomia, e isso é sensacional. Não se trata mais de opor os insumos químicos aos biológicos, mas de descobrir suas sinergias, utilizando-os em conjunto, sem preconceitos.



6 – Que tendências ou inovações o senhor identifica que estejam se delineando, tanto globalmente quanto no Brasil, para que a agropecuária continue se expandindo e se desenvolvendo de forma sustentável, inclusive em regiões de seca?

Incrivelmente, percebe-se o surgimento de uma nova fronteira da expansão do agro mundial, com a ocupação de áreas desérticas e semiáridas. Isso ocorre devido à oferta de energia solar, que permite a irrigação em localidades antes impossíveis, além de processos como a dessalinização e a reutilização de água, que têm favorecido a oferta de irrigação. Eu mesmo demorei muito tempo até descobrir que a agricultura não precisa de chuvas, mas, sim, de água. E que nas áreas áridas o controle e manejo de pragas e doenças é mais fácil, logrando obter alimentos maravilhosos. Vejo, assim, a expansão do agro pelo semiárido brasileiro como um território desprezado pela agricultura, assim como foi o cerrado na época da ocupação da Mata Atlântica. Gestão de recursos hídricos, superficiais e subterrâneos, e energias limpas passaram a ser fundamentais nas questões ligadas ao agro nacional.

Por Felipe Ribeiro

Coordenador de Comunicação e Marketing do Incaper,
comunicacao@incaper.es.gov.br

